

### 3. A oração, a alegria e o tesouro

No primeiro capítulo propunha que nos perguntássemos se a Ordem e as comunidades individuais estão verdadeiramente unidas na oração. Não esqueçamos esta questão. Mas a partir do que tentamos meditar ontem sobre o encontro de Jesus com o jovem rico, compreendemos que apresentar a pergunta se estamos unidos na oração coincide com duas outras questões que também estão ligadas: "Estamos unidos na alegria?" e "Estamos unidos pelo tesouro do céu?" Somente se estivermos unidos em ter um tesouro no céu poderemos estar unidos por uma alegria que nada pode nos tirar. Mas vimos que é impossível separar-nos dos tesouros da terra se não pedirmos a Deus, porque somente Ele pode tornar-nos possível a impossível separação das nossas riquezas, independentemente do tipo ou da natureza que elas sejam. Oração, alegria e tesouro são como três realidades circulares e coincidentes. É importante sermos conscientes que se pretendemos cultivar uma destas três realidades sem pensar nas outras, perdemos todas as três, experimentamos mal todas as três.

Cada um de nós pode examinar-se a si mesmo, e cada comunidade pode examinar-se a si mesma, perguntando-se como está a dependência indissolúvel destas três realidades em nós. O tesouro no céu é realmente a nossa alegria, e somos conscientes de que não podemos possuí-lo sem o pedirmos a Deus com a fé que Ele nos ama e que a Ele tudo é possível?

Conceber ou definir a oração fora desta "constelação" composta de oração, alegria e tesouro, torna falso cada um destes três elementos, torna-os abstratos, e sobretudo torna-os inconsistentes na nossa vida, nas nossas comunidades. Se a oração não procura o tesouro no céu, aquele que é impossível possuir se Deus não no-lo concede, o tesouro que enche o coração de alegria, já não é mais uma oração importante para a nossa vida, nem para a vida dos outros e do mundo. Torna-se uma atividade como qualquer outra, ao lado das outras, que frequentemente a substituímos por outras atividades que parecem mais urgentes. Na realidade, é o tesouro no céu que substituímos por outros tesouros, aqueles da terra. O resultado ou sintoma, é que perdemos a alegria, a verdadeira alegria, a maior alegria do nosso coração. Perdemos a alegria de Deus, a alegria no Espírito Santo com que São Bento nos convida a viver também a Quaresma, a penitência e também a privação daquilo que nos satisfaz neste mundo.

Às vezes, visitando as comunidades, participando no Ofício divino, vejo que de modo geral se reza bem, que se cante bem e tudo é limpo e bem feito. Mas percebo que falta algo, que na própria oração há uma falta, um vazio, algo que perturba e que por fim, impede de rezar verdadeiramente. Falta a alegria. Pois bem, não falo da alegria superficial e exterior que certos grupos carismáticos gostam de mostrar. Falta a alegria profunda de quem vive e reza porque o tesouro da vida é dom de um Outro. Às vezes falta a alegria profunda na oração porque precisamente a oração mesma é vivida e executada como um tesouro da terra. Reza-se por causa da oração,

“adorando” as suas formas, a sua qualidade externa, tendo prazer na forma como se canta e como se reza. É a oração farisaica que Jesus não deixou de censurar fazendo-lhe a caricatura: “E quando rezares, não sejas como os hipócritas que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelas pessoas. Em verdade eu vos digo: eles já receberam a sua recompensa” (Mt 6,5).

Eles já receberam o seu tesouro porque numa oração assim não há lugar para o tesouro do céu que o Pai dá, e portanto, para a verdadeira alegria. Uma oração hipócrita e orgulhosa tende a ser um tesouro em si mesma, e por isso alegra-se em si mesma. Não abre o seu coração e a sua vida à alegria do tesouro doado por Deus. Na verdade, Jesus continua: “Mas quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e reza ao teu Pai que está em segredo; e o teu Pai que vê no segredo, te recompensará” (Mt 6,6).

Mesmo quando rezamos e celebramos solenemente - e é importante fazê-lo porque temos na Igreja e na Ordem uma belíssima tradição de oração litúrgica, que de fato nos ajuda a rezar - mesmo neste caso não devemos esquecer que a essência da oração, seja ela pessoal ou comunitária, sóbria ou solene, é sempre muito simples: é o pedido ao Pai pelo tesouro do céu, a nossa verdadeira alegria. Se existe este coração, este fogo interior, então mesmo a solenidade da oração é verdadeiramente alegre, porque permanece verdadeiramente sedenta, em busca de um tesouro que não se pode conquistar por meios próprios, mas apenas receber de Deus.

Falei sobre isto recentemente numa vigília de oração pelos jovens dirigida pelos nossos irmãos de Heiligenkreuz, comentando a passagem do Evangelho segundo Lucas em que Jesus se alegra rendendo graças ao Pai (cf. Lc 10,21-22):

“Naquela mesma hora Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, ó Pai!’” (Lc 10,21).

Jesus é tomado por uma inesperada alegria que parece surpreendente também a Ele. Uma alegria muito especial, porque é a alegria de Deus, a alegria de Jesus como o Filho de Deus. É de fato uma “alegria no Espírito Santo”, e é uma alegria que louva e agradece ao Pai. De repente, Jesus manifesta aos discípulos a alegria da Trindade.

Se esta alegria é a alegria de Deus, então deve ser exatamente esta a alegria infinita e eterna que todos desejamos, e que parece nunca conseguirmos entender, para segurá-la. E se Jesus no-la manifesta, compreendemos que esta alegria sua nos é dada, tal como ele se entregou até a morte. Não é possível que Cristo guarde esta alegria só para si sendo que Ele se doa a nós por inteiro.

Mas exultando de alegria perante os discípulos, Jesus revela também como é possível para nós experimentar a sua alegria: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos!” (Lc 10,21).

A condição para acolher a alegria infinita é, paradoxalmente, ser pequeno. O "pequeno", como a criança, alegra-se plenamente, como Jesus, porque não tenta conter toda a alegria no seu coração. Há um espaço maior que o seu coração no qual o pequeno permite expandir a sua alegria, e é este espaço que Jesus nos ensina: é o espaço da relação, da comunhão, da amizade. A alegria de Jesus está na sua relação amorosa com o Pai e no Espírito Santo. Se queremos experimentar a alegria de Cristo, não devemos separá-la deste amor, desta amizade.

Se os mais pequenos fazem esta experiência, porque não a podemos também nós? Muitas vezes não experimentamos a alegria porque a separamos do amor, a separamos da amizade, da caridade que nos é pedida uns para com os outros. Gostaríamos de acolher a alegria no nosso coração sem igualmente acolher os outros no nosso coração, na nossa vida. Se o mundo está triste, não é porque lhe falte alegria, mas porque lhe falta acolhida, amizade. (Homilia da Vigília para os Jovens, Heiligenkreuz, 3.9.2021).

Notamos que nesta passagem do Evangelho Jesus expressa a sua alegria formulando uma oração de louvor, poderíamos dizer uma oração "eucarística" dirigida ao Pai, que é uma oração de adoração e de amor: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra!" Para Jesus, o tesouro no céu e na terra é o Pai, e a alegria é possuir este tesouro através da oração de comunhão e de amor que abraça tudo, toda a realidade, porque o amor do Pai abraça tudo com a sua misericórdia.